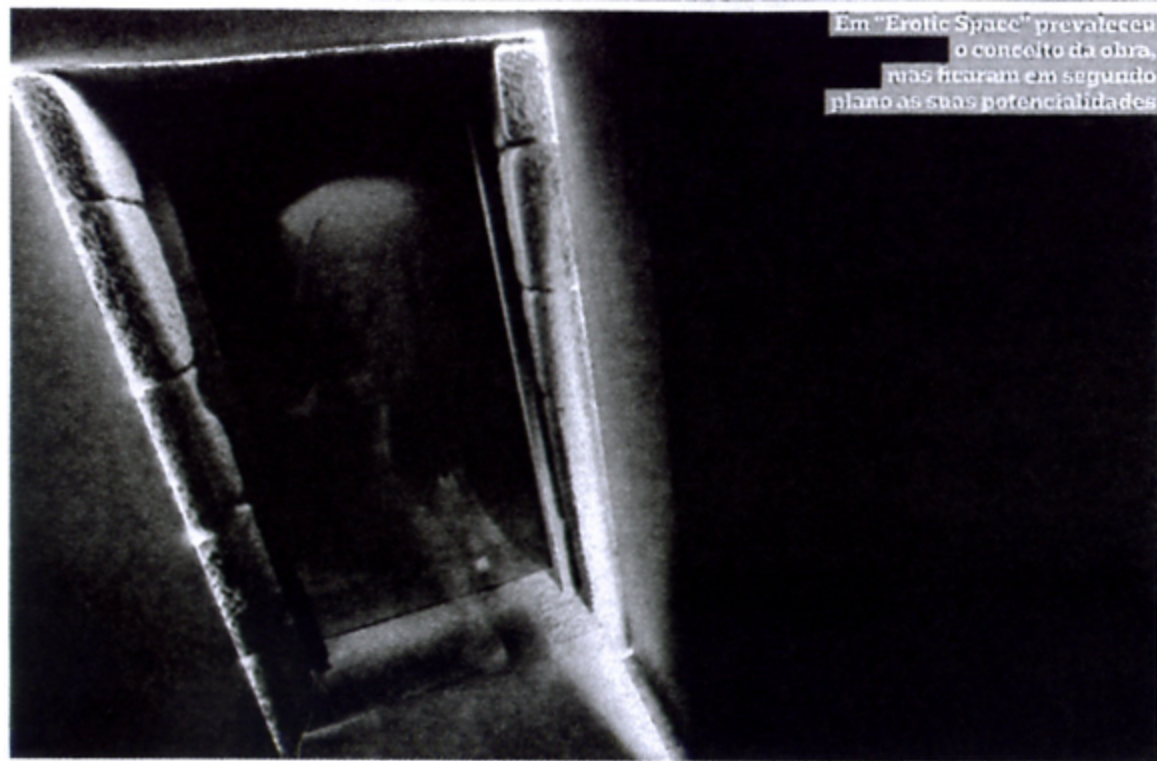


Em "Erotic Space" prevalece o conceito da obra, mas ficaram em segundo plano as suas potencialidades



Para maiores de 16 anos

Uma instalação que se relaciona de forma umbilical com o cinema de Tsai Ming-liang. **Óscar Faria**

Erotic Space

De Tsai Ming-Liang.
Instalação.

Vila do Conde. Solar - Galeria de Arte Cinemática. Solar de S. Roque. T. 252646516. Até 24/8. 3ª a dom das 14h30 às 00h. 16ª Curtas Vila do Conde - Festival Internacional de Cinema.

★★★★☆

Apesar de anunciada a idade de acesso à instalação de Tsai Ming-liang (Kuching, Malásia, 1957), não seria à partida expectável que aquela

obra para maiores de 18 anos constituísse em si uma experiência de sexo anónimo semelhante às de Robert Mapplethorpe e Bruce Chatwin, nos anos 1970, no Anvil, clube S&M situado num antigo matadouro de Mineshaft, Nova Iorque. Na biografia dedicada ao escritor inglês (Quetzal Editores, 2001), Nicholas Shakespeare escreve: "Donald [Richards, corretor da bolsa, amante de Chatwin] levou lá uma vez Sebastian Walker que, mais tarde confessou que se tinha sentido muito repugnado com o grau de prosmicuidade e a 'imagem de pessoas deitadas em filas, de barriga para baixo, à espera de serem sodomizadas, rodeadas por uma quantidade horrorosa de sangue'." Vivía-se ainda o tempo antes da sida e a prática de experiências limite ainda não se confrontava com os riscos da doença.

"Erotic Space", à partida,

conforme tinha sido anunciado pelo próprio cineasta, continha em si a possibilidade de encontros anónimos, contudo, essa situação confrontava-se desde logo com o facto de a instalação ser apresentada numa galeria de exposições, portanto frequentado por um público generalista e não por aqueles que especificamente procuram intensas aventuras sexuais. A Solar ganhava assim outra dimensão, privada, sempre que alguém se quisesse fechar dentro de cada sala arquitectada por Tsai Ming-liang, na qual se encontra um colchão, um rolo de papel higiénico e um televisor, onde passam imagens recolhidas pelo cineasta em algumas das suas viagens. O piscar de olho ao público é evidente: ele deve perceber que aquele seria um lugar aberto ao desejo: olhar para o ecrã ou desenhar outros gestos, tudo se equivale; num espaço assim, o segredo pode acontecer.

Há, porém, uma diferença entre a ideia inicial de Tsai Ming-liang e a visível na Solar. Quem percorrer os estreitos corredores da instalação apercebe-se que os quartos não têm portas, com excepção de um, onde existe a possibilidade de impedir a entrada de terceiros com recurso a um painel de madeira sem fechadura. A possibilidade de trocas eróticas fica, de facto, diminuída, pois a cada instante o(s) espectador(es) pode(m) ser surpreendido(s) por um qualquer visitante, que assume, nessa condição, duplamente, um papel de "voyeur". A luminosidade dos ecrãs corta também com algum do risco inerente à frequência de um lugar mantido na penumbra, onde as formas se dissolvem e o caminhar se torna mais lento. Tudo parece com demasiada visibilidade e pouco acessível a outras aventuras, tão desejadas pelo realizador malaio na sua idealizada sauna. Em "Erotic Space" prevalece o conceito de obra, afastando-se para segundo plano as potencialidades da mesma, nomeadamente a de ser um lugar de secretos encontros.

A instalação de Tsai Ming-liang relaciona-se com o seu cinema de forma umbilical, sobretudo com "O Rio" (1997), onde se observa a dramática cena de sexo, a princípio anónimo, entre um pai e um filho numa sauna - outra referência são os cenários densos, fantasmáticos, de "I Don't Want to Sleep Alone" (2006). Há duas semanas, em entrevista ao Ípsilon, o cineasta dizia ter medo da penumbra, mas simultaneamente via a sala de cinema, essa espécie de lugar do proibido, como espaço extremo de liberdade. Na instalação, notava, podem acontecer muitas coisas: "Toda a gente tem o seu segredo, não apenas os 'gays'. Há uma cena em 'It's a dream' [outra instalação do cineasta] em que em que uma mulher e um homem estão sentados em filas diferentes e partilham comida; existe um segredo. Amor? Sexo? Não sei. No escuro, o

← público comporta-se de uma maneira diferente."

Entre a banalidade das imagens, próximas dos "home movies", onde por vezes Lee Kang-Sheng, o actor fetiche do cineasta, assume também o protagonismo, e a intimidade da situação, tudo contribui para que "Erotic Space" se revele como espaço de esquecimento do eu, lugar de impermanência: "Ao ver formas com o corpo e mente inteiros, ao ouvir sons com todo o corpo e mente, compreendemo-los intimamente. Porém, não é como um espelho com reflexos, nem como a água ao luar... Quando um dos lados está realizado, o outro encontra-se às escuras", escrevia, no século XIII, Dogen Zenji, um mestre zen.